

MARCAS IDENTITÁRIAS EM *AS MULHERES DE MEU PAI*, DE EDUARDO AGUALUSA

Inara de Oliveira Rodrigues¹

Bianca Magalhães Wolff²

RESUMO: Apresenta-se uma análise do romance *As mulheres de meu pai* (2007), de José Eduardo Agualusa, procurando-se apontar as questões identitárias que o texto aborda. Laurentina, a protagonista, intenta fazer um documentário para reconstruir a história do músico angolano Faustino, que acredita ser seu pai biológico. Ela conta com o apoio de seu namorado Mandume, e seu sobrinho, Bartolomeu, e juntos realizam o trajeto de Lisboa para Luanda, que tem pelo menos dois sentidos: o reconhecimento de uma realidade cultural diversa, com a qual, entretanto, eles possuem laços variados; e, conseqüentemente, uma viagem interior, na qual se destacam questionamentos identitários. Além disso, em sua busca, a personagem recolhe relatos de pessoas que viveram em Angola nos períodos que precederam a independência do país. Assim, se desvela uma narrativa que transita, também, entre os campos da história e da ficção. Para o desenvolvimento analítico proposto, de cunho eminentemente bibliográfico, seguem-se proposições de Bauman (2005), Hamilton (1999), Memmi (2007), Tutikian (2006) e Portugal (1999), como pressupostos da abordagem com objetivo central de problematizar os sentidos de identidade e resistência no romance em referência. Intenta-se, assim, contribuir com estudos recentes acerca das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: literatura; identidade; romance angolano.

Identitary traits in Eduardo Agualusa's *As mulheres de meu pai*

ABSTRACT: This article presents an analysis of the novel *As mulheres de meu pai* (2007) by José Eduardo Agualusa, that points identity issues that are found in the text. Laurentina, the protagonist, want to create a documentary to rebuild the Angolan musician history called Faustino, believing that he is her biological father. She receives support of her boyfriend Mandume, and her nephew, Bartolomeu, and, together, they perform a path from Lisbon to Luanda that has, at least, two meanings: the recognition of a diverse cultural reality, but, with which they have ties varied, and, therefore, an inwards journey, which highlights questions of identity. Besides, to require her search, the character collects reports of people who lived in Angola during the periods that preceded the country's independence. Thus, unfolds a narrative that moves, too, among the fields of history and fiction. For the development proposed analytical eminently bibliographical are adopted conceptions of Bauman (2005), Hamilton (1999), Memmi (2007), e Tutikian (2006), and Portugal (1999), as assumptions of the approach that aims to problematize central senses of identity and resistance in the novel in question. The intention is, thus, to contribute to the most recent studies about the Portuguese Speaking African Literatures.

Key words: literature; identity; Angolan novel.

¹ Doutora em Letras (PUC), Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia, Brasil. inarabr@uol.com.br

² Bolsista CNPQ Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia, Brasil. wolffbianca@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, ou os PALOP, como também podem ser chamados, muitas vezes são associados à miséria, analfabetismo e exotismo. No entanto, essa visão limitada é resultado de acusações e julgamentos sustentados durante a colonização a que esses países estiveram sujeitos. De forma perversa, os prejuízos causados pelo processo de exploração colonial na África acabaram sendo incorporados como uma desvalorização natural e afirmação de certa identidade desfavorável dos povos colonizados pelos colonizadores (MEMMI, 2007).

No processo de luta por libertação, a atividade literária desses países cumpriu um importante papel para a construção da identidade nacional (SALINAS, 1999). Isso equivale a reconhecer que os PALOP tomaram a literatura como um espaço para a mobilização de seus povos, de resgate e de resistência das identidades locais (TUTIKIAN, 2006). Assim, para reescreverem o passado contra as distorções, as mistificações e os exotismos inventados pelos colonialistas da África, “[...] verificava-se uma tendência entre escritores nacionais a reescrever e assim re-inventar a África e seus respectivos países” (HAMILTON, 1999, p. 16).

A partir desses pressupostos, o objetivo do presente trabalho consiste em evidenciar como se pode perceber o processo de construção identitária e de resistência no romance *As mulheres de meu pai* (2007), do autor angolano José Eduardo Agualusa. Esse tema tem sido objeto de investigação, visto que se pode reconhecer em Angola movimentos de construção de sua identidade, mas atravessados por desafios do atual mundo globalizado, o que tornam o processo móvel e o próprio sentido de identidade se apresenta em constante movimento (BAUMAN, 2005).

Intenta-se, desse modo, contribuir com os estudos relacionados à obra desse autor, bem como com as perspectivas críticas implicadas nos conceitos de identidade e resistência, especialmente relacionados à literatura angolana mais recente.

1. IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NO ROMANCE *AS MULHERES DE MEU PAI*

O romance *As mulheres de meu pai* (2007) possui certa fragmentação no percurso da sua narrativa central, o que é percebido logo no início, pois o texto frequentemente é interrompido pela voz do narrador que faz comentários sobre o esboço de um romance homônimo que a sua amiga escritora, Karen B., intenta escrever, sendo que essa autora

também tem sua voz representada no texto. A personagem principal da diegese é uma documentarista chamada Laurentina, que tenta reconstruir a história de um músico angolano famoso, chamado Faustino Manso, acreditando que este seja o seu pai biológico.

Antes de iniciar essa trajetória, entretanto, o romance já revela o seu teor quando o narrador e a escritora fazem uma reflexão sobre a identidade de Laurentina, a protagonista, e do suposto pai da personagem:

- No meu sonho ela era indiana. Uma rapariga de cabelo liso, olhos grandes, pele muito escura.
- Não pode ser. Talvez meio indiana, não te esqueças que o pai é português...
- O pai?! Qual deles?...
- Boa pergunta. O Faustino Manso era luandense, mulato ou negro. O que a adoptou era português, e o biológico...
- Não pensamos nisso...
- Tens razão, não pensamos nisso. Quem diabo era o verdadeiro pai de Laurentina?...³

Laurentina foi criada em Lisboa pelo pai Dário Reis, português, e pela mãe Doroteia, angolana, mas, antes de morrer, sua mãe confessa que Laurentina nascera na Ilha de Moçambique e que fora adotada. Seu pai, Dário Reis, explica a Laurentina que seus genitores são Alima e um músico angolano chamado Faustino Manso. Por coincidência, logo depois dessas revelações de Doroteia, Laurentina, que é documentarista, assiste a um noticiário divulgando a morte do músico Faustino Manso. Ela então decide partir para Angola com a intenção de reconhecer suas "raízes".

Esse dilema contemporâneo da busca do indivíduo por sua origem é problematizado por Bauman (2005), o qual afirma que õ[...] quando a identidade perde as âncoras *sociais* que a faziam parecer "natural" predeterminada e inegociável, a "identificação" se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um "nós" a que possam pedir acesso (BAUMAN, 2005, p. 30). Bauman (2005) define a nossa época como "líquido-moderna" e descreve a identidade como algo evasivo e escorregadio. Segundo o sociólogo polonês, õ[...] a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo [...] (BAUMAN, 2005, pp. 21-2).

Laurentina, com esse objetivo, parte então para Luanda a fim de vivenciar experiências novas, reveladoras de sua história para além de seu local de nascimento, família, país. Interessa atentar para o fato de que o romance se divide em quatro "pilares",

³ AGUALUSA, E. J. *As mulheres de meu pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 21. Todas as demais citações do romance foram retiradas dessa edição, passando-se a indicar apenas o número das páginas respectivas.

estabelecendo, assim, uma analogia entre o ritmo do texto e o ritmo da música que embalava a vida de Faustino Manso, suposto pai da protagonista.

A expectativa dessa trajetória de Laurentina tem algo de idealizado, entretanto, o que não deixa de ser registrada no texto:

Quando o avião aterrou em Luanda e abriram as portas, parei um instante no cimo das escadas e enchi os pulmões de ar. Queria sentir o cheiro de África. Mandume abanou a cabeça, infeliz:

- Merda de calor!

Enfureci-me:

- Ainda nem pisamos em terra e tu já protestas. Não sabes apreciar as coisas boas? (p. 44)

Em Luanda, a protagonista decide então viajar por Angola e Moçambique em busca de informações sobre a vida artística de seu pai e em busca de sua mãe biológica, Alima. Para isso, Laurentina conta com o apoio de seu namorado, Mandume, e de seu sobrinho, Bartolomeu. Eles viajam por vários locais onde Faustino vivera: Benguela, Mossâmedes, Cape Town, Maputo, Quelimane e Ilha de Moçambique e descobrem que, por trás do músico Faustino Manso, havia um homem com o poder de conquistar as mulheres em cada lugar que passava. Laurentina fica fascinada por essa trajetória, mas, Mandume, por seu turno, mostra desgosto, insatisfação e se incomoda com a ideia de ficar mais tempo no continente africano:

- Nunca gostei da África. Vi como África destruiu meus pais. Li alguns dos livros que eles guardam no escritório, isso a que alguns chamam de literatura angolana: *A vitória é certa camarada! A poesia é uma arma, Sábado vermelho*. Panfletos políticos, escritos, o mais das vezes, com os pés. Raízes? Raízes têm as plantas e é por isso que não podem se mover. Eu não tenho raízes. Sou um homem livre. Era inteiramente livre até conhecer Laurentina. Digo-lhe: Tu és minha pátria, o meu passado, todo o meu futuro [...] (p. 41).

No desenrolar do romance, Mandume todo o tempo afirma sua identidade como um homem português. De fato, ele nasceu em Portugal, mas, por ser um rapaz negro, não poucas vezes tem sua identidade europeia contestada, e também por seus pais serem originalmente de Angola. Aliás, ele próprio explicou que seu nome, Mandume, é de origem angolana, mas que oficialmente se chama Mariano, visto que a burocracia portuguesa não aceitou que seus pais colocassem um nome de origem angolana nele e em seus irmãos. Ainda assim, o namorado de Laurentina mostra uma visão negativa sobre a África e declara, convicto, sua identidade como um português:

- [...] Bartolomeu quis saber se eu nunca fora vítima de algum tipo de violência racista em Portugal.
- Fui sim. Tens razão...
 - Ya! - gritou Bartolomeu triunfante - Já vê todos uns racistas, os tugas!
 - Oh, sim, todos!
 - Ok, todos não, evidentemente. Mas nunca te hão-de tratar como se fosse realmente português.
 - Eu sou realmente português.
 - Deixa-te de merdas. Tu és um angolano nascido em Portugal...
 - Não! Eu não sou daqui (p. 156).

Enquanto o personagem Mandume afirma-se como português, o personagem Bartolomeu mostra-se convencido de sua identidade como angolano e a todo o momento critica a posição de Mandume, fazendo provocações, insinuando que este é definitivamente angolano. Assim, Bartolomeu parece não perceber que afirmar a identidade pela cor da pele pode significar uma reafirmação negativa do que é ser negro. Aliás, certa vez, quando Bartolomeu critica Mandume, Laurentina levanta, para este último, uma questão importante:

- Este tipo é um actor, está a representar um preto, ou aquilo que ele supõe que deva ser um preto.
- Eu sou preto e não sou assim.
- Talvez tu não sejas preto.
- Achas que não?
- Não sei. Afinal, em que consiste um preto? (p. 123).

No caso de Mandume, é interesse verificar-se que os conflitos identitários não são simples nem dicotômicos: Mandume não tem o efetivo direito de ãserö português porque é negro e tem ascendência angolana? A sua condição como sujeito negro deve ser assumida necessariamente por um padrão de identidade "racial" ou nacional? Essas e outras tantas questões encontram-se nesse romance de Agualusa, para as quais não são dadas respostas, entendendo-se que o mais importante é justamente essa possibilidade de levantar questionamentos e possibilitar o aprofundamento de reflexões concernentes aos processos identitários. Outro exemplo encontra-se no romance quando Mandume expressa para um europeu a sua condição, por direito, de afirmar a sua nacionalidade:

- Eu não sou estrangeiro, meu caro senhor, sou português!
 - Você é português?! Ah! Ah! Então eu sou sueco!...
- Há uns três meses talvez tivesse preferido ignorar o comentário. Agora não. Expliquei-lhe que havia nascido em Lisboa, filho de pais angolanos, e que podia por isso ter escolhido ser angolano. Mas escolhera ser português. Ele, o desgraçado, não tivera escolha ó era português por uma imposição do destino. O homem olhou-me, atordoado e não retorquiu (p. 536).

Seguindo-se a trajetória de Laurentina, ela percorre cidades, toma depoimentos de mulheres que um dia se relacionaram amorosamente com Faustino, de muitos filhos e filhas dele e pessoas que o conheceram pelo seu trabalho. Dentre esses, Laurentina conhece a curiosa história de Serafim Kussel, proprietário de um bar de *jazz*, que conhecera Faustino Manso. Serafim, ao descrever sua história, relata a decepção que sofrera ao ser deixado com quatro filhos por sua mulher que, segundo ele, òtornou-se brancaö pelo fato de, durante o *Apartheid*, ser dada aos mestiços de pele clara a opção de se autodeclararem brancos ou mestiços. Serafim Kussel diz: òNoutros países há quem troque de casaca. Aqui, na África do Sul, somos mais radicais: trocamos de peleö (p. 212). Mais uma vez, a problematização sobre nacionalidade e identificação étnica-racial.

Continuando seu percurso, a busca de Laurentina torna-se mais que uma procura pela identidade de seu pai, Faustino Manso, antes, torna-se uma busca para conhecer a identidade do país onde ela encontra suas origens a fim de construir a sua própria identidade. Assim, a protagonista fica fascinada com as descobertas que faz em Angola, evidenciando perspectivas do país que muitos desconhecem, como os edifícios históricos, entre os quais se destaca o Hotel Terminus, ò[...] inteiramente recuperado por um banco privado angolano [...]ö, próximo das areias puríssimas da praia (p.100); as ruas, como a *Long Street*, ò[...] coração espiritual da cidade [...]ö, em que se ò[...] sucedem os restaurantes, os bares, as discotecas, quase todos cheios [...]ö (p. 205); a música, surgida dos ò[...] judeus, fugidos do Hitler, checoslovacos, austríacos, alemães, os gajos que tocam jazz [...]ö (p.264); a variedade de línguas, como ò[...] o umbundo oblongo dos ovibundos, o Lingala [...]ö, o francês, o português (p. 66). Laurentina fica também atraída ao reconhecer parte dos fatos que constituem a rica história desse país:

Visitamos esta tarde o District Six Museum, actualmente uma área ventosa e desolada, composta por uma sucessão de terrenos baldios, que foi durante os anos 50 um bairro famoso pela viabilidade cultural. Ali se situavam inúmeros bares de Jazz nos quais músicos brancos, negros, mulatos e chineses (havia uns poucos) tocavam lado a lado. Em 1966, o bairro foi declarado uma área residencial só para brancos. Nove anos mais tarde, todas as casas foram demolidas e a maioria dos seus habitantes forçados a procurar alojamento em subúrbios remotos. Destruíram o District Six porque tinham ódio à mistura. Criado em 1867, o District Six abrigava originalmente uma população composta por antigos escravos, imigrantes europeus e asiáticos, comerciantes e artesãos (pp. 219-220).

Além disso, Laurentina impressiona-se com os contrastes existentes em Angola, pois o país ainda é afligido pela fome e doenças, como a malária, que a protagonista contraiu

durante sua viagem. Ao mesmo tempo, porém, a capital, Luanda, é considerada a mais cara do mundo a ponto de um africano, caso tenha propriedades na cidade, ficar milionário:

Merengue me disse que as vivendas em Luanda custam uma fortuna, mesmo as mais degradadas. Muitas foram ocupadas na altura da independência por camponeses pobres, vindos dos musseques, que as depredaram e as aviltaram. Vendem-nas agora por preços absurdos, um milhão de dólares, ou mais, e depois desaparecem. Fiquei fascinada. Gostaria de filmar um documentário sobre uma dessas pessoas. Mandume, pelo contrário, está horrorizado. Queixa-se constantemente do ruído, da confusão do trânsito, das multidões [...] (p. 50).

Durante o trajeto de Laurentina, ao atravessarem a fronteira entre Namíbia e África do Sul, o guia, Brand, que dirige o carro, faz uma exclamação que gera controvérsias pelo uso do termo *õcivilizaçãoõ*:

Passamos há pouco a fronteira entre Namíbia e a África do Sul e o nosso jovem guia depois acrescentou com um largo sorriso:

- Bem vindos ao país mais civilizado de África.

Bartolomeu reagiu sarcástico, em português:

- Civilizadíssimo. Convém não esquecer, a propósito, que foi o país que inventou o *Apartheid*...

Disse a Brand que talvez ele tivesse utilizado o termo errado-*õcivilizaçãoõ*. A África do Sul é, sem dúvida, um dos países mais desenvolvidos do continente. Desenvolvimento, porém, nunca foi sinônimo de civilização [...] (AGUALUSA, 2007, p. 203).

Ao exclamar que a África do Sul é o país mais civilizado do continente, o guia, mesmo sem intenção, talvez, acaba expressando o preconceito generalizado em relação aos países africanos "não desenvolvidos". Na ocasião dessa desavença, as identidades de Brand, Bartolomeu e Mandume são colocadas em cheque:

- Estudei na Austrália. - Brand voltara a falar português. Tremia nervoso, com as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos. - A minha mãe vive em Melbourne. Se eu quisesse podia ter ficado lá. Voltei porque amo África. Fui criado no meio do mato, em Angola. Você Mandume, você vive na Europa, é português. Não compreende nada do que acontece aqui. Nada de nada. E você, Bartolomeu, você vive em Luanda, que é uma espécie de Lisboa às escuras. Não fala nenhuma língua africana. Eu, sim, conheço a Angola profunda. Sou muito mais preto do que qualquer um de vocês [...] Sim, sim! Estou farto que me falem em *Apartheid*. Eu não tenho nada a ver com o *Apartheid*. Não tenho de pedir desculpa por ser branco, tenho? (pp. 202-3).

Percebemos, nessa fala de Brant, que pertencer a um lugar envolve mais do que o lugar de nascimento e a cor da pele, pois Mandume, embora seja negro, se autodeclara

português; Brand, embora seja branco, considera-se angolano assim como Bartolomeu, que é negro e luandense.

Esses conflitos tornam a viagem de Laurentina cheia de impasses, pois as fronteiras geoculturais que ultrapassam rasuram as fronteiras identitárias e as paisagens fazem fronteira com o sonho, das quais emergem, aqui e ali, os mais estranhos personagens (BEZERRA, 2011). Nesse sentido, deve-se considerar que:

Além de a narrativa percorrer o continente africano, a narração percorre a literatura, compreendida aqui não como sequência de eventos temporais, mas como instância produtora de linguagens. Sempre que Laurentina consegue entrevistar um dos supostos irmãos e esposas do pai, sente como se tivesse feito parte de suas experiências, de ter percorrido aqueles territórios. O narrar é criar mundos, e, portanto sujeitos, e esses se constituem a partir de suas identidades flutuantes, moventes e plurais, nunca fixas. Se antes se estava na mira de um projeto de uma identidade nacional, que determinaria a identidade dos sujeitos, essas se erigem nas relações sociais dinâmicas e atávicas num movimento de ora instabilidade, ora estabilidade, fazendo-se com que esses sujeitos se façam na medida em que se relacionam com o outro (BEZERRA, 2011).

Essa fluidez de contornos das relações interpessoais e culturais deixam a protagonista confusa, tanto mais que seu documentário parece não ter fim: em cada cidade visitada, ela encontra mulheres que se relacionaram amorosamente com Faustino e muitos filhos e filhas do músico. Laurentina, cada vez mais, se surpreende com depoimentos acerca de Faustino Manso, o que torna cada vez mais difícil construir uma identidade sólida do personagem, também apontado como suposto agente do *Apartheid*, conforme declarado por um ex-policial chamado Monte:

- Você é muito nova. Não faz ideia do que foram aqueles tempos. Um país ameaçado por todos os lados. Inimigos externos e inimigos internos. Se não fôssemos nós nada disso existiria. - Apontou para a praça, para a cidade que se estendia suja, miserável, a perder de vista. Ó Nada! Tente compreender. O Faustino reapareceu em Angola em 1975, pouco antes da independência, depois de muitos anos a viajar pela África Austral. Ocorreu-nos que pudesse ser um agente do *Apartheid* (p. 539).

Laurentina, porém, conhece uma pessoa que mudará completamente o rumo de seu documentário: um médico que, há muito tempo, ajudou Faustino quando ele começou a sentir fortes sintomas semelhantes a paludismo. Na altura, foi diagnosticado que o músico, na verdade, era estéril e Laurentina não entende o que se passara, visto que falou com dezoito filhos de Faustino. O médico, enfim, revela à protagonista onde ela pode encontrar sua mãe biológica, e, após momentos de receio por parte da documentarista, ela acaba recebendo uma carta de Alima com as devidas explicações: após o parto, todos contaram que ela, Alima, havia perdido o bebê e por isso não sabia de sua existência. Entretanto, o pai de Laurentina

era mesmo Dário Reis, e Alima só disse que era Faustino Manso para não expor Dário, que já estava casado. Assim, a protagonista finalmente descobre. Portanto, que seu pai, já casado com sua mãe de criação, Doroteia, tivera um caso com Alima e era, então, seu pai verdadeiro desde sempre: o que ocorreu foi terem, as duas, engravidado e dado à luz no mesmo dia. No entanto, apenas o bebê de Alima viveu, e em seguida ela entrou em coma, assim os bebês foram trocados a mando da mãe de Alima, que não aceitava a gravidez da filha.

Desse modo, a busca de Laurentina por sua origem remete a uma intrigante pergunta colocada pelo narrador no início do romance: “De quantas verdades se faz uma mentira?” (p. 24). Esse percurso da personagem deixa subentendido, assim, que não existe algo que seja definitivamente “a verdade”, e, de fato, Laurentina descobre que suas “verdadeiras” raízes sempre estiveram no seu ponto de partida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *As mulheres de meu pai* (2007), permite refletir acerca de questões identitárias, que são um tema recorrente na literatura angolana, tendo em vista a recente formação do país. A partir da análise realizada, reafirma-se o quanto a literatura permite o questionamento sobre sentidos identitários, do mesmo modo que permite o conhecimento e o reconhecimento de realidades histórico-sociais e culturais diferenciadas no continente africano.

A partir das descrições de lugares específicos de Angola, da variedade de línguas que possui, de sua diversidade musical que influenciou e foi influenciada por vários povos, entre outros aspectos socioculturais do país, o romance resgata e enriquece determinadas perspectivas que ultrapassam estereótipos sobre a realidade e identidade nacional angolana. Assim, a narrativa permite desvelar a complexidade social, cultural e econômica desse país, muitas vezes obscurecida pelo processo de dominação que deixou profundas marcas na contemporaneidade.

Portanto, com este romance, podemos entender, principalmente, que a identidade é um processo complexo, formado em função da história e das situações vivenciadas pelos diferentes atores sociais. No lugar de uma “essência” a ser encontrada, a trajetória da protagonista Laurentina aponta, enfim, que sua identidade é um constatar (re)fazer-se no presente a partir de toda uma formação cultural híbrida assentada no passado e assim como seu país, o desafio de Laurentina é construir, nas incertezas de cada agora, o seu futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, José Eduardo. *As mulheres de meu pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

BAUMAN, Zygmund. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEZERRA, Rosilda Alves. Resistência, identidade e memória em *ãA última tragédia*, de Abdulai Silá, *ãAs mulheres de meu pai*, de Agualusa e *ãO vendedor de passados* de Agualusa. In: *Anais... XII Congresso Internacional da ABRALIC*. Paraná: UFPR, 2011.

HAMILTON, Russell. A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial. In: *Anais... IV ENCONTRO DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA*. São Paulo, USP, 1999.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PORTUGAL, Francisco Salinas. *Entre Próspero e Caliban - Literaturas africanas de Língua portuguesa*. Galiza: Laiovento, 1999

TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas*. O pós-colonialismo e a emergência das nações de Língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

Recebido em 22 de janeiro de 2014.

Aceito em 2 de fevereiro de 2014.